

439 mil

pessoas estão desempregadas na região metropolitana de Salvador

23,4%

é a taxa de desemprego de abril na região metropolitana de Salvador, aponta pesquisa



NA WEB

Vídeo. Veja como é a fila do seguro-desemprego em Salvador estadao.com.br/e/salvador

MÁRCIO FERNANDES/ESTADÃO



Salvador. Posto do SineBahia: pesquisa de vagas e busca de seguro-desemprego

MADRUGADA DE ANGÚSTIAS NA CAPITAL DO DESEMPREGO

Na Bahia, ocupação caiu 2,5% no primeiro trimestre, ante igual período de 2015, e as filas em busca de emprego varam a noite em Salvador

Pablo Pereira

ENVIADO ESPECIAL / SALVADOR

Enfrentar a angústia do desemprego em uma fila de desocupados de madrugada diante do posto de serviços Comércio no Centro de Salvador, a poucas quadras do famoso Elevador Lacerda, o ícone turístico baiano, está virando rotina. Na região metropolitana de Salvador, o IBGE calcula em 18,4% a taxa regional de desocupação, a mais alta das seis áreas pesquisadas no primeiro trimestre do ano. Isolada, Salvador é a capital do desemprego, com taxa de 17,4% de desocupação. Estudos mostram ainda que a situação só piora desde fevereiro num mercado regional de trabalho que já teve dias de ouro ao registrar, em 2012, taxa de 5,7% (dezembro), colada na média nacional (4,6%), um paraíso que beirou o pleno emprego. Mas a moleza acabou.

Na última terça-feira, com o cartão postal da cidade iluminado pelas cores vermelho e verde logo ali adiante, o pintor Silvio Cesar Silva Carvalho, de 42 anos, e o irmão, o segurança ou cobrador de ônibus (se o empregador preferir), Luis Cláudio, de 40 anos, ambos desempregados, moradores da Lapiña, chegaram ao posto do Comércio para renovar a carteira de trabalho e pesquisar vagas – eram 22h. Dormindo na calçada sobre papelão, viram chegar, às 24h5, o terceiro da fila, o operadora de tráfego de barcas Gilmar da Silva, de 46 anos, com os documentos para conseguir o seguro-desemprego.

Dispensado da empresa que faz as travessias do continente para a cantada Ilha de Itaparica, Silva teve a dispensa homologada na semana passada depois de 2 anos e 9 meses de serviço. “Mais ou menos uns 80 foram para a rua”, contou. Com 53 anos, sem emprego fixo desde os 50, Carlos da Conceição Marques era o seguinte na fila. Aguardava para tentar “fazer a pesquisa”. Depois dele estava Alessandro dos Santos, de 27 anos, ajudante de caminhão – que nem com três anos de dedicação à empresa de um parente escapou do corte. “A desculpa é sempre a crise”, atalhou Aline Mendonça Figueiredo, de 32 anos, engrossando a fila ainda no escuro, acompanhada do marido. Vendedora de equipamentos industriais em uma cadeia de três lojas, Aline chegou ao local por volta das 4h30 para pedir o seguro-desemprego.

Eram 5h, ainda noite na rua – e os primeiros ônibus começavam a descarregar passageiros na Avenida da França –, quando a luz da lateral do prédio do Instituto do Cacau, que abriga uma central de serviços tipo Poupatempo, foi apagada. Na calçada, crescia a fila dos sem-trabalho, de um lado, e dos que pretendiam fazer ou renovar o RG, do outro. Eles ainda aguardariam no breu da rua que as portas da repartição fossem abertas às 5h20. Lá dentro, no primeiro andar, enfileiraram-se de olho nos painéis de senhas torcendo para não serem vítimas dos temidos alertas dos funcionários, que frequentemente avisam aos presentes que “o sistema caiu”, falha que prolonga a espera por uma vaga.

Socorro. No bairro Periperi, aglomerado de favelas à beira-mar na periferia, outro centro de atendimento tem sala para os primeiros socorros para desempregados. O sol baiano do meio-

Retração leva jovens ao mercado mais cedo

● O supervisor da Pnad Contínua de Salvador, Mateus Bastos, disse que um dos grupos mais afetados pelo desemprego foi o dos jovens de 14 a 17 anos. “O impacto é bem forte nessa faixa”, afirmou. Para Bastos, a situação poderá repercutir, por exemplo, nas taxas de evasão escolar da capital baiana. A taxa de procura de emprego subiu de 54,5% para 75,6%, enquanto em São Paulo variou de 26,6% para 54,2%, na comparação trimestral.

Outro aspecto que o pesquisador destacou é que em cada vaga perdida – e a redução de renda que vem a reboque – ocorre uma reação nas famílias que desemboca em mais pressão sobre o sistema. Os mais jovens começam a procurar trabalho. Essa realidade, segundo ele, já vinha sendo notada nas pesquisas desde 2014. “Houve um desarranjo no mercado e temos oito trimestres sem recontrações”, disse Bastos. Segundo ele, os números apontam a dificuldade com o planejamento das empresas e oscilam perto do pico tendo chegado ao máximo (17,4%) sem descer como costumava acontecer nos períodos de maior oferta de emprego, como o Natal.

dia queimava a moleira na praia e nas calçadas quando o gerente do posto explicou que a média de pesquisas de empregos chega a 70 pessoas por dia. É comum também eles atenderem ainda 45 a 50 pessoas, com senhas distribuídas às 6h na fila, em busca de autorização para receber o seguro-desemprego. “Tá todo mundo desempregado”, disse um homem de cerca de 50 anos,

contando que foi demitido dias atrás e que aguardava no posto para pedir o dinheiro do seguro. “A firma mandou embora mais de 150.”

O desemprego que engasga o homem que não quer nem ser identificado assusta também o pedreiro Guaraci Vidal, de 38 anos. Na manhã da terça-feira, ele encaminhava a papelada para receber o seguro-desemprego no posto de atendimento do Sine no Shopping Liberdade, no bairro de igual nome, zona popular de Salvador. Tendo entrado na estatística dos desocupados havia dez dias, contou que mora com a mãe, aposentada, uma irmã e um sobrinho, Natan, de 29 anos, que também procura trabalho. “A gente só ouve falar que é a crise”, disse Vidal ao deixar a sala do segundo andar da galeria na Estrada da Liberdade, periferia de Salvador. O posto atende em média 45 pessoas por dia com hora marcada para consultas de emprego, emissão de carteiras e outros serviços públicos.

De acordo com o coordenador estadual da Pnad Contínua do IBGE, Mateus Bastos, o destaque no caso da Bahia no primeiro trimestre é que “o número de ocupados teve uma queda de 381 mil pessoas em relação ao mesmo trimestre de 2015 (menos 5,7% do total de ocupados)”. Segundo o pesquisador, no mesmo período, o Estado de São Paulo perdeu 219 mil.

Bastos ressaltou que a queda se concentra na indústria (menos 215 mil) e na construção (menos 73 mil). Ele explicou que “a indústria da Bahia, em particular, é relativamente concentrada na região metropolitana de Salvador e que é possível que a diminuição de vagas tenha afetado pessoas que trabalham fora da capital, mas moram na cidade.

Habitado à tarefa de conferir informações de desemprego no setor privado, ele acrescentou que também no setor público há reflexos dos cortes. Bastos argumentou que nem o time do IBGE está imune e disse que vai perder quatro auxiliares que fazem as pesquisas de campo sobre desemprego. Os contratos do IBGE na Bahia não serão renovados.

DIEESE MOSTRA QUADRO AINDA MAIS GRAVE

Para a coordenadora da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PED-RMS), Ana Margaret Simões, pesquisadora do Dieese, o quadro do desemprego na área da capital baiana, mostrado também nas pesquisas da Pnad Contínua, vem se agravando desde o fim de 2014, mas a situação tornou-se ainda mais dramática nos últimos três meses.

Em abril, a PED apontou uma taxa de desemprego de 23,4% da População Economicamente Ativa (PEA) na região, resultado que mostra um retrocesso de uma década no mercado – desde julho de 2007, a taxa não alcançava essa marca. Houve um crescimento de 2,1 pontos percentuais em apenas um mês – março registrou 21,3%. De acordo com os dados do PED-RMS, abril registrou 439 mil desempregados, 44 mil a mais do que no mês anterior. Houve um corte de 18 mil vagas e um crescimento da PEA de 26 mil pessoas.

Os setores de comércio, reparação de veículos (com menos 10 mil postos) e da construção (com redução de 8 mil vagas) puxaram a oferta de empregos para baixo. O pico dos desocupados na RMS, segundo o estudo, que soma desemprego aberto, desemprego oculto por trabalho precário, mais o desemprego oculto por desalento, ocorreu em 2003 quando a medição bateu nos 30% da força de trabalho. A média atual de tempo de um desempregado procurando trabalho é de 50 semanas, “o que chamamos de desemprego de longa duração”, explicou a pesquisadora. “Temos uma crise agravada por falta de investimentos, aumento dos juros e crise política”, disse. /P.P.

Longa espera

‘CHEGUEI ÀS 3H NA FILA. ESTÁ DIFÍCIL CONSEGUIR VAGA’

Maíra Soares Ferreira, de 34 anos, assistente administrativa, que foi demitida de um grande escritório de advocacia de Salvador, chegou às 3h da última quarta-feira ao atendimento no SineBahia da Avenida Antonio Carlos Magalhães, região nobre da capital baiana. Desempregada há quase um ano e sabendo da alta procura pelo posto de serviços, Maíra levou de casa um banquinho para enfrentar a longa espera de cerca de três horas até receber uma senha de atendimento. Com o primeiro lugar da fila garantido à porta do posto, Maíra viu o dia amanhecer quando, às 6h, um funcionário iniciou o atendimento. Atrás dela já havia 135 pessoas aguardando a chance de ver listas de vagas e tentar deixar de ser mais um na esta-



Fila. Maíra Soares Ferreira madruga para garantir lugar

tística do desemprego ou encaminhar papelada para o seguro-desemprego. “Agente sabe que a situação do desemprego está bem difícil em Salvador”, disse Maíra. “Mas quero tentar me recolocar no mercado de trabalho.” /P.P.

O faz-tudo

‘DISSERAM QUE HOJE NÃO TEM NADA PARA MIM’

Perrengue bravo vive também Célio Roque Ribeiro, de 51 anos, desempregado em pleno sofrimento pela falta de oportunidades. Dizendo-se com experiência como operador de caldeira, especialista em forno baiano (secagem de féculas e farinhas), ele é também açougueiro e, nos últimos e duros tempos, vem tentando se salvar até como pedreiro. O faz-tudo Ribeiro contou ao Estado, na terça-feira, no posto central do SineBahia, na Avenida Antonio Carlos Magalhães, que, em abril, retirou a última parcela do seguro-desemprego recebido após ter sido demitido por uma rede de supermercados, onde trabalhava no setor das carnes. “Peguei um bico na reforma de uma escola, mas também acabou”, contou ele, com a senha P236 do posto na



Idade. Estão falando que já sou velho, disse Célio Roque Ribeiro

mão, que atende 400 por dia, em média. Com uma filha de 9 anos, o morador do bairro Mussurunga 2, periferia da capital, lembrou que, depois de trabalhar por 12 anos em São Paulo, retornou à Bahia em 2007 com o sonho de

tocar a vida no Nordeste. Na passagem pelo Sudeste, trabalhou no bairro de Pinheiros, na capital, foi à luta em Itu e chegou a batalhar em Palmital, ambas no interior paulista.

Desde que voltou para a terra natal, vinha se mantendo em atividade até que, no ano passado, foi ceifado pela crise. “Mas eu tenho três profissões”, argumentou no Sine, na esperança de que a qualificação lhe garantisse nova chance. “Vamos ver o que eu consigo aqui”, disse, pouco antes de ser atendido no posto do governo da Bahia.

Amuado pela situação, explicou ainda que enfrenta o preconceito da idade. “Aqui estão dizendo que eu já sou velho, que para mim fica difícil uma vaga. Mas eu não desisto”, emendou. Ele ficou poucos minutos no guichê 11, de onde saiu às 13h30. “Disseram que hoje não tem nenhuma vaga”, relatou, ainda com a carteira de trabalho na mão. “Vou continuar batendo biela por aí.” /P.P.